

# V I R T U D E S

## O vigor da vida no Espírito

Prof. Dr. Nilo Agostini

Texto publicado na *REB*, fasc. 217, março 1995, p. 32-64.

### Introdução

Torna-se impossível falar do *vigor* que alimenta uma vida em comunhão com Deus e com os irmãos sem tocar um ponto luminoso, o *ser virtuoso*. Ele constitui um dos objetivos primordiais da Teologia, aponta para os alicerces da vida do cristão no seu dia-a-dia, resgata o ser humano em sua busca de plenitude.

Buscaremos aqui resgatar o frescor de um tema antigo com sua provocante solidez para os nossos dias. Voltar-nos-emos para o sentido e o papel das *virtudes* enquanto *vigor* subjacente à prática cristã e à própria Teologia. A *fé*, a *esperança* e a *caridade*, enquanto virtudes teológicas, constituem o elo de base do tornar-se virtuoso e do produzir frutos do Espírito num contexto de sociedade em que se cruzam muitos outros ideais, próprio de uma sociedade policêntrica. São os fundamentos das virtudes humanas ou morais, pois "dispõem todas as forças do ser humano para comungar do amor divino".<sup>1</sup>

As *virtudes* lembram aquilo que é constitutivo do ser humano. Isto é o mesmo que dizer que o ser humano "não se reveste" de virtude; "ele é ou não é virtuoso", ou seja, "somos ou não somos virtuosos".<sup>2</sup> Só assim podemos falar de autenticidade, transparência e coerência enquanto realidades que brotam daquilo que nos é constitutivo e não apenas como um enfeite que nos reveste sem brotar deste rico filão.

Não se trata aqui de apontar para atitudes ocasionais ou passageiras, mas para o que constitui o *ser próprio* do humano, enquanto "atitudes firmes, disposições estáveis, perfeições habituais da inteligência e da vontade que regulam nossos atos, ordenando as nossas paixões e guiando-nos segunda a razão e a fé".<sup>3</sup> Este modo próprio de ser nos lembra a dinâmica do *ethos*,<sup>4</sup> realidade primeira,

---

<sup>1</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1804.

<sup>2</sup> Cf. Antônio MOSER, "As virtudes como desafio para o vida cristã e para a Teologia", *Grande Sinal*, 3 (1993), p. 263 s.

<sup>3</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, *ibidem*.

<sup>4</sup> Cf. Nilo AGOSTINI, *Ethos: o fundamento*, em *Ética e Evangelização - A dinâmica da alteridade na recriação da moral*, 2a. edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1994, p. 21-29.

fundante, porém não acabada. Se, por um lado, a *virtude* nos faz lembrar um *dom* que nos atravessa por inteiro, por outro lado, aponta para uma realidade a ser trabalhada continuamente enquanto pessoa e enquanto sociedade.

As *virtudes*, antes de serem um dado estático e acabado, constituem-se em *tarefa* para o ser humano. Sua maturidade, realização e plenitude dependem igualmente de seu empenho e conseqüente aprimoramento como pessoa humana. Estamos diante de uma realidade dinâmica, de crescimento contínuo, num *fazer-se*; num *vir-a-ser*; caminho e resposta que perfazemos e damos ao longo de toda a nossa vida.

As *virtudes* se manifestam no *empenho* das pessoas que abraçam a história e assumem a *causa do Reino*. Portanto, elas não são cultivadas apenas no íntimo das pessoas, mas abrem-se às realidades sociais, participando ativamente na transformação destas e na libertação de todos os jugos que impedem a realização Reino.

Ouçamos o que nos diz o livro da Sabedoria: "É preferível a vida sem filhos mas com virtude, pois a imortalidade acompanha sua memória: ela é reconhecida por Deus e pelos homens. Quando presente, é imitada; quando ausente, sua falta é sentida. Na eternidade triunfa, cingida a coroa, porque venceu no combate de troféus sem mancha".<sup>5</sup>

## 1. Resgate do "ser virtuoso"

O *ser virtuoso* inscreve-se na dinâmica do ser humano na busca incessante de plenitude e realização. Porém, nossa realidade humana demonstra por si só outra realidade que se contrapõe às virtudes; somos "vasos de barro", frágeis, passíveis a deslizar no próprio orgulho, numa inversão do ser virtuoso, ou seja, o vício, o pecado. Nossos méritos são conseqüentemente muito relativos. O segredo é o colocar-se a "caminho", num *fazer-se* e *perfazer-se* constantes, num empenho e aperfeiçoamento contínuos.

### 1.1. A busca da plenitude

Dizemos nós que o ser humano é um eterno insatisfeito. Rebeldia ou insaciável sede do absoluto? Uma visão realmente integral da vida aponta para a realidade da ambivalência do humano; se, por um lado, sente-se impelido ao progresso, ao crescimento, à virtude, por outro lado, sente-se inclinado ao vício, ao regresso, à decadência, ao pecado. Plenitude e limitação, amor e indiferença (desamor) dizem muito do que somos e do que podemos ser. "Para sermos o que devemos ser, o primeiro passo é ter a coragem de ser o que somos. É o grande conselho socrático do *conhece-te a ti mesmo*".<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Sb 4, 1-2.

<sup>6</sup> Alceu A. LIMA, "Virtudes e Intervirtudes (Excertos)", *Grande Sinal*, 3 (1993), p. 370.

Conhecer a nossa própria natureza constitui-se no ponto de partida para sermos o que devemos ser. Deparamo-nos com uma natureza comum a todos os demais seres humanos, bem como identificamos em nós mesmos uma natureza própria, distinta da dos nossos semelhantes. Com relação à segunda, vejamos o que nos diz Alceu A. Lima: "Cada ser humano é um universo à parte. É uma nova natureza, irreduzível a todas as demais. Ser fiel à sua distinção é o primeiro dos seus deveres. Essa fidelidade a si próprio é a condição primordial de suas virtualidades, isto é, de sua capacidade em desdobrar suas potencialidades de desenvolvimento e plenitude".<sup>7</sup>

A essa necessidade que a pessoa tem de ser ela mesma, segue-se ou soma-se a necessidade de "ser mais", como resposta à aspiração de desenvolver-se plenamente. Com isso, queremos identificar "aquele processo de crescimento que leva a pessoa não ao um 'estado' mas num rumo ou 'direção', não para o equilíbrio ou a felicidade ou o nirvana, sem conflitos, tensões, impulsos negativos ou a adaptação ou atualização dos desejos, mas para atos, opções, decisões que esteja em harmonia com o próprio ser, a totalidade do organismo".<sup>8</sup>

"O ser humano é habitado pela ânsia, qual saudade e nostalgia, numa esperança igualmente a construir, da plenitude e da verdade. Ele busca, com incansável ardor, o *sentido da vida*. O desenvolvimento das ciências e da técnica, o testemunho de toda inteligência humana nunca puderam substituí-lo nesta busca/enfrentamento das questões últimas sobre a existência humana. A ele cabe a palavra, a decisão, a responsabilidade, discernir valores, perfazer caminhos, perscrutar a verdade, 'enfrentar as lutas mais dolorosas e decisivas, que são as do coração e da consciência moral' (cf. VS n. 1). O que fazer, discernindo o bem do mal, constitui-se, sem dúvida, num pólo ante o qual ser humano algum pode esquivar-se nesta busca de sentido da vida, de plenitude e de verdade".<sup>9</sup>

O que fazer? Essa questão de fundo levanta outras subseqüentes questões relativas ao que é bem, ao que é mal, ao que é lícito, ao que é ilícito. Isto vai além do simples *fazer*. Aqui entra o espaço do exercício da *liberdade*. Esta liberdade é, sem dúvida, um dado antropológico fundamental e expressão da vocação humana e condição da pessoa moralmente responsável. Faz-se, porém, necessário um passo a mais. A liberdade não é um dado absoluto em si, pois ela se realiza dentro de condições reais em que ela ocupa o lugar de uma tarefa a realizar, numa resposta crescente aos apelos éticos na história. Pode, ainda, representar a pretensão livre de renunciar à própria liberdade, numa entrega fácil à submissão e à alienação. A pergunta é, então, pela *verdade* que funda a *liberdade*. Só assim chegamos à possibilidade de uma resposta límpida, construtora do *ser virtuoso*. "A questão maior hoje talvez seja não a da *liberdade*, mas a da *verdade* da consciência".<sup>10</sup>

## 1.2. Somos "vasos de barro"

---

<sup>7</sup> *Ibidem*.

<sup>8</sup> Luciano CIAN, *Caminho para a maturidade e a harmonia*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1990, p. 25s.

<sup>9</sup> Nilo AGOSTINI, "Ética: o resgate o 'humano'", *Grande Sinal*, 5 (1994), p. 548-549.

<sup>10</sup> CNBB - XXXI Assembléia Geral, "Ética: Pessoa e Sociedade", *SEDOC*, 239 (1993), n. 76.

O ser humano não escapa da ambivalência. Sente-se atraído para a plenitude e a verdade como impulso maior. No entanto, faz continuamente a experiência da vaidade, genitora do orgulho e da simulação, da hipocrisia, do vício e do pecado. Cada pessoa sente 'possuir' muitas *possibilidades*, bem como não menos *deficiências*. Por um lado, descobre-se *criatura*, marcada pela incompletude, relatividade e limite. Por outro lado, sente gorgitar em si energias e sementes positivas, que o solicitam numa progressiva efetivação.

"Dentro do homem, desde o momento em que dá os primeiros vagidos, *as riquezas e as pobreza travam luta permanente*: as primeiras têm a vitória nas mãos, apesar de eventuais parciais derrotas, porque são alimentadas por um secreto elan para um mais e um além, por uma aspiração interior, uma exigência que acompanha o crescimento do corpo, a evolução da psique, o amadurecimento da afetividade, o devir do espírito. Uma força interior irresistível supera as fronteiras dos limites, das condições ambientais sufocantes e cheias de falhas; um desejo íntimo e invencível guia o menino, o jovem, o adulto, o ancião para ir tirar energias no poço profundo das próprias riquezas e no ambiente circunstancial, para viver a felicidade e a plenitude. Esta secreta aspiração ao desenvolvimento recebe aqui o nome de exigência do ser, necessidade profunda, busca de plenitude; e é tanto mais densa e forte quanto mais pesados e graves forem os condicionamentos, as limitações e as carências".<sup>11</sup>

Todos somos portadores de um tesouro dentro de nós. São Paulo, escrevendo aos Coríntios, fala dessa realidade quando diz que 'das trevas Deus fez brilhar em nós a luz',<sup>12</sup> para em seguida afirmar, com muito realismo, que "um tal tesouro nós o trazemos em vasos de barro".<sup>13</sup> Ninguém mais do que Jó a espelhar nossa humanidade/criatura quando diz a Deus: "Tuas mãos me formaram e me modelaram em todos os pormenores... Lembra-te que me fizeste de barro... De pele e carne me revestiste, de ossos e de nervos me teceste".<sup>14</sup> "O homem, nascido de mulher, escasso em dias, cheio de inquietações, como uma flor desabrocha e logo murcha, foge como uma sombra que não pára".<sup>15</sup> No entanto, ouvimos Jó dizer também: "Deste-me vida e favor e tua solícitude conservou-me o alento".<sup>16</sup>

São Paulo traduz essa ambivalência, na criatura que somos, nos seguintes termos: "De mil maneiras somos atribulados mas não desanimamos. Vivemos perplexos, mas não desesperamos, perseguidos, mas não desamparados. Somos abatidos até o chão, mas não aniquilados".<sup>17</sup>

A busca da perfeição humana não se dá fora deste quadro. Por isso, os gregos já falavam da necessidade de fazer reinar em si a virtude. Em Platão, significava 'esquivar-se das aparências sensíveis e da desordem material', num 'justo equilíbrio' (a razão sabendo conter a paixão para dominar os

---

<sup>11</sup> Luciano CIAN, *op. cit.*, p. 23.

<sup>12</sup> Cf. 2Cor 4, 6.

<sup>13</sup> Cf. 2Cor 4, 7.

<sup>14</sup> Jó 10, 8-11.

<sup>15</sup> Jó 14, 1-2; cf. Sl 39, 5-12; 103, 14-16.

<sup>16</sup> Jó 10, 12; cf. Sl 103, 17.

<sup>17</sup> 2Cor 4, 8-9.

desejos); só assim é possível o reencontro com a natureza autêntica. Segundo a visão platônica, somos parte do mundo sensível que nada mais é do que uma degradação imperfeita e perecível da Ordem das Essências. E a alma, que conhecera, no passado, esta Ordem, está agora decaída dentro de um corpo material que a obscurece e a falseia. Daí a necessidade de fazer reinar em si a virtude.

Aristóteles, de maneira distinta de Platão, não vai buscar fora do ser humano a realização. Como todo indivíduo é composto de 'matéria' (uma *capacidade*/potencialidade indefinida e confusa a ser transformada/trabalhada) e 'forma' (uma tendência à *organização*, à realização estruturada das qualidades potenciais da matéria), ele propõe a busca da Forma das formas. Para ele, o ser humano é virtuoso na medida em que realizar o melhor possível a sua 'forma' própria, sua 'essência', sua natureza, processo este iluminado pela razão. Nesta busca, é virtuoso aquele cujo modo de ser orienta-se pela disposição resoluta de evitar todo excesso, de ficar no 'justo meio'. Este modo de ser cria o próprio do 'hábito'. Este próprio do ser humano, então virtuoso, molda-se segundo as diversas particularidades sem perda de sua natureza específica; encontra a 'proporção razoável' entre a Ordem universal e o próprio de si mesmo, sem confusão.

As diferentes escolas gregas vão traduzir com matizes próprios as visões acima, porém sempre enfatizando as mesmas idéias centrais. O *estoicismo*, na linha platônica, fala do homem sábio e virtuoso como aquele que orienta voluntariamente sua alma de volta à Ordem (divina, das essências); ao reencontrar a inspiração divina (da qual tudo procede), ele deverá desenvolvê-la e protegê-la de tudo o que é paixão, egoísmo, desejo, ou seja, 'matéria'. O *epicurismo*, mais aristotélico, propugna a 'prudência calculada', capaz de orientar a alma, pelo equilíbrio e a moderação, na escolha dos prazeres sensíveis até atingir o ideal supremo da felicidade, na imperturbabilidade (num processo de *ataraxia*).

### 1.3. A dinâmica do "vir-a-ser"

"O objetivo da vida virtuosa é tornar-se semelhante a Deus".<sup>18</sup> Esta afirmação de São Gregório de Nissa traduz em grande parte o vasto pensamento dos Padres da Igreja que aponta para o processo de 'assemelhamento' a Deus que o ser humano, 'imagem' de Deus, é chamado a percorrer. "A vida plena é portanto um processo, um caminho, uma direção, uma realidade jamais completamente atingida".<sup>19</sup>

Esta reflexão sobre as virtudes sofreu, nos últimos séculos, sobretudo nas últimas décadas, um "desgaste", quando não uma ausência do respectivo tratado. Nos perguntamos, então, se esta quase ausência de sua tematização estaria mostrando que elas se encontrariam em baixa. Será que as virtudes não entusiasmassem mais as pessoas? Seriam elas, realmente, "velhas solteironas, rabugentas e desdentadas", como afirmara Max Scheler?<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> São Gregório de Nissa, *beat.* 1; cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1803.

<sup>19</sup> Luciano CIAN, *op. cit.*, p. 26.

<sup>20</sup> Cf. Marciano VIDAL, *Moral de Atitudes*, vol. I: *Moral fundamental*, Aparecida, Ed. Santuário, 1978, p. 478.

Hoje, para nós cristãos, as virtudes alcançam um sentido novo, superando o desgaste sofrido nos últimos séculos. Estamos resgatando o ensinamento sobre as virtudes como elemento essencial da tradição cristã, de maneira particular da moral cristã. Com o prestígio da casuística abalado e com a dificuldade de se impor pura e simplesmente uma moral kantiana de obediência ao dever (moral de normas e imperativos morais), vemos ressurgir a moral das virtudes. Antes de evocar uma determinação que se imponha vinda de fora, uma moral das virtudes sente que a obrigação maior é a do homem ser, antes de tudo, perfeitamente humano, para então ser o que Deus quer que seja. Aliás, esta é também a visão da moral tomista.<sup>21</sup>

O humano sente-se mergulhado na dinâmica do *vir-a-ser*. Sente-se chamado a se desenvolver e a crescer por meio de um engajamento vital que seja fiel a uma opção fundamental de vida. Deverá, para isto, ser capaz de atos livres e responsáveis, num domínio cada vez maior de si. A dinâmica aqui é a do crescimento, como vem indicado em muitas parábolas de Jesus. "Para o homem o importante é perseverar no caminho escolhido para nele se realizar o mais plenamente possível. É para isto que as virtudes morais são necessárias... Em outros termos, a vida moral tem necessidade de estar estruturada, apoiada em sua progressão, e isto no seio mesmo de seus atos livres. É a isto que respondem as virtudes".<sup>22</sup>

A teologia tradicional via na virtude o que o termo latino *habitus* evoca. Na busca de resgatar o seu sentido, vemos que esse termo não quer apontar para o *habitual*, no sentido de passividade, de corriqueiro ou de repetição pura e simples de atos. Ele aponta, antes de tudo, para o que é resultado de uma decisão voluntária e firme, que cria raízes profundas no ser humano, determina todo o seu modo de ser e sua busca lúcida e responsável de objetivos claros. O *habitus* evoca a força interior que faz uma unidade em todo o nosso ser. Estamos aí diante de um *ser virtuoso*. Ele costuma ter uma grande estabilidade no agir, domina seu comportamento, é seguro diante dos objetivos que almeja, demonstra tranqüilidade, alegria e leveza no seu modo de ser.

As virtudes apontam, assim, para algo profundo no ser humano. Ele 'não tem' virtudes; ele é virtuoso. Trata-se aí de uma qualidade, uma riqueza, uma perfeição que o atinge como um todo. Isso repercute de tal forma em todo o seu ser que, a rigor, é a virtude que passa a possuí-lo. Não estamos aqui diante de uma pessoa com atitudes ocasionais, passageiras. Virtude não rima com transitório e ocasional. Ninguém é virtuoso por alguns momentos ou dias apenas.

É claro que este *ser virtuoso* não nos é dado de antemão. Trata-se de todo um processo vital que vai paulatinamente se desenvolvendo e se afirmando. Supõe um empenho. É como um dom, que deverá ser desdobrado, trabalhado, num *fazer-se* contínuo. Aristóteles chega a afirmar que "é empenhativo ser virtuoso... isto explica porque a perfeição moral é rara, bela e digna de louvor".<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Cf. Jean-Marie AUBERT, *La morale*, Paris/Montréal, Éditions du Centurion/Éditions Paulines, 1992, p. 72.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 72s.

<sup>23</sup> Cf. *Ética a Nicômaco*, 2.9.1109, a 24-30, b 1-7.

## 2. Habitados pelo Espírito

Podemos descrever o ser humano como um ser íntimo de Deus. Isto pode ser explicado pela sua participação da natureza divina e pela sua filiação divina. Porém, existe aí outro dado de especial grandeza: a presença viva e ativa do Espírito Santo no mundo e na nossa existência.

### 2.1. A "força de Deus"

"Em hebraico e grego, 'espírito' significa ar em movimento, hálito ou vento. Por isso também é sinal ou princípio de vida,<sup>24</sup> a força vital,<sup>25</sup> a sede dos sentimentos, pensamentos e decisões da vontade.<sup>26</sup> Em oposição à carne o espírito é aquilo que dá vigor ao homem, é poderoso e impericível.<sup>27</sup> Deus é que dá o espírito e age no homem pelo seu espírito".<sup>28</sup> É desta forma que a 'Bíblia Vozes' define o espírito no seu apêndice (Vocabulário de termos bíblicos). Sentimos o quanto ele representa em termos de realidade dinâmica, elementar e vivificante. Ele está lá onde se move a vida, de forma particular a vida humana. Ele tudo enche, tudo penetra. Não está a nosso alcance manipulá-lo. Somente conseguimos abrir-nos à sua força misteriosa, *força de Deus*.

No Antigo Testamento, a experiência do Espírito dá-se bem concretamente no âmbito da história, com a irrupção de líderes, cheios de carisma, que libertam o povo da opressão dos inimigos. Podemos detectar isso tanto no surgimento de profetas, quanto no poder criador do ser humano, na sua presença na natureza, no ato criador de Deus, como aquilo que move toda a natureza, exprimindo o modo próprio do existir divino.<sup>29</sup>

No Novo Testamento, por sua vez, a experiência do Espírito é, inicialmente, experiência da força de Deus na comunidade, onde se manifesta nos muitos carismas e atua gerando forças, palavras e ações. Ser habitado pelo Espírito representa estar imbuído de uma força que nos move inteiramente e que nos leva a ultrapassar nossos próprios limites. Em Jesus Cristo, temos a plenitude da manifestação do Espírito. Nele o Espírito é realidade contínua, força própria; Ele tudo diz e faz "no Espírito". O resultado é a fascinação e a admiração dos que o cercam.<sup>30</sup> "Nunca vimos coisa igual"<sup>31</sup>, dizem o que o cercam. "Dele saía uma força (virtude) que curava a todos".<sup>32</sup>

---

<sup>24</sup> Gn 6,7; 7,15; 37,10-14.

<sup>25</sup> Jr 10,14; 51,17.

<sup>26</sup> Ex 35,21; Is 19,3; Jr 51,11; Ez 11,19.

<sup>27</sup> Jó 10,4s; Jr 17,5-8; Os 14,4.

<sup>28</sup> Gn 6,3; Ez 2,2.

<sup>29</sup> Cf. Jz 3,10; 6,34; 14,6; 11,29 1Sm 11,6; 16,13; Nm 27,18; Dt 34,9; Ne 9,30; Miq 3,8; Zc 4,6; 6,8; Ez 48,16; 31,3; 35,31; 32,15; Gn 1,2; 2,7; Jó 33, 34; 37,10; Sl 29; 139,7.

<sup>30</sup> Cf. Lc 1,35; 4,1.14.18; 4,18-21; 4,22; 4,32; 9,43; Mt 1,18; 7,28; 8,37; 12-13; 13,54; 15,31; 19,25; 21,20; Mc 2,2; 5,41; 6,51; At 4,27; 10,38; Hb 1,9; 2Cor 1,21; 1Jo 2,22;

<sup>31</sup> Mt 9,33.

<sup>32</sup> Lc 6,19.

São Paulo, por sua vez, não tem dúvidas em afirmar que "nossa capacidade vem de Deus".<sup>33</sup> "Somos obra de Deus, criados em Jesus Cristo para as boas ações".<sup>34</sup> "Sede, pois, imitadores de Deus,... progredi na caridade".<sup>35</sup> Tanto para Paulo como para Pedro, a virtude de Cristo, que acompanha os fiéis, torna-os forte na força do Espírito de Deus, superando sofrimentos e dificuldades do momento presente.<sup>36</sup>

Poderíamos dizer que toda a Sagrada Escritura é um tratado sobre as virtudes, pois tematiza continuamente a força de Deus atuando na história dos seres humanos e na própria fraqueza destes. Na medida em que o ser humano acolhe o vigor de Deus, torna-se forte. A virtude é, portanto, a *comunicação da força de Deus*. O mais belo exemplo de pessoa virtuosa é certamente Maria, em quem Deus fez maravilhas, como nos diz o *Magnificat*.<sup>37</sup>

Mesmo se na virtude existe sempre o esforço humano, a primazia está no dom, como participação na força de Deus, através de Jesus Cristo. Por isso, falamos em virtudes "teológicas", ou seja, comunicadas por Deus. É claro que, com isso, não podemos deixar de ressaltar a atuação dos seres humanos. A virtude, enquanto comunicação da parte de Deus, evoca um 'chamado', uma proposta. Da parte do ser humano, a resposta correspondente é cultivada no empenho humano, traduzido nas virtudes "morais". Elas traduzem o ser humano na realização do dom, do chamado, o que se constitui para ele numa tarefa.

O cuidado que devemos ter, na explicitação acima, é o de não cair numa compreensão puramente individual de virtude. A Sagrada Escritura nos dá claramente a dimensão da virtude quando enfatiza que a tarefa a realizar é sempre uma tarefa em favor do povo, como expressão da Aliança de Deus com o seu povo. A Igreja, como comunidade, é o primeiro lugar/objeto da glória de Deus e sua plenitude;<sup>38</sup> ela é depositária dos dons do Espírito. Além disso, é sempre o mesmo Espírito que nos move; enquanto tal, as manifestações deste Espírito devem ser *para o proveito de todos*. "Por isso, a Igreja, enriquecida com os dons do seu Fundador... recebeu a missão de anunciar o Reino...".<sup>39</sup> "Aprouve a Deus santificar e salvar os seres humanos não singularmente..., mas constituí-los num povo".<sup>40</sup>

## 2.2. A "lei nova"

---

<sup>33</sup> 2Cor 3, 5b.

<sup>34</sup> Ef 2,10.

<sup>35</sup> Ef 5,1-2.

<sup>36</sup> Cf. Rm 15,13; 1Cor 2,5; 4,20; 1Pd 4,14.

<sup>37</sup> Cf. Lc 1,46-55.

<sup>38</sup> Cf. Ap 2,5.

<sup>39</sup> LG 5.

<sup>40</sup> LG 8.

Num resgate bíblico da própria experiência ética, nos deparamos com um Deus que *se aproxima* do "seu povo" e o convoca para uma história de bênção, de salvação, de libertação. Existe aí o sentido de *pertença*. Este é o Deus da *Aliança*, termo-chave para a leitura do Antigo Testamento (onde ocorre 286 vezes); ela contém um caráter pessoal, comunitário-social e religioso. A *Aliança* traduz a pertença do povo ao seu Deus e aponta para a concretização de um projeto histórico. A resposta humana ao projeto da *Aliança* concretiza-se num processo dinâmico, resgatando a idéia de *caminho*. Deus mostra-se, por sua vez, paciente e rico em misericórdia, sempre pronto e relançar o chamado. Seu chamado é gratuito, numa expressão de bondade e de amor. Como na figura do "Bom Pastor"<sup>41</sup>, no Novo Testamento, nos deparamos aí com traços claros de *proximidade*. O Deus da Aliança não é, portanto, um Deus distante.

Ainda no Antigo Testamento, ressoa muito forte o apelo "sede santos porque Eu sou santo"<sup>42</sup>, semelhante ao convite do próprio Jesus "sede perfeitos como o Pai celeste é perfeito".<sup>43</sup> Ao lado da substancialidade da moral do "decálogo"<sup>44</sup> e do "sermão da montanha"<sup>45</sup>, este apelo coloca em evidência as exigências de comunhão com Deus e de respeito ao próximo, expressões da *Aliança*. Afastar-se desta *Aliança* é não mais pertencer a Deus, mergulhar na desgraça. De nada adiantariam atos de culto se a observância das exigências éticas, advindas do Decálogo, da Aliança e do próprio Sermão da Montanha não fossem observadas. Evidencia-se já a ligação entre fé e vida, crer e amar.

O ápice desta *Aliança* e, conseqüentemente, da história da salvação realiza-se com a vinda do Messias. Falamos, então, em termos de *Nova Aliança*, realizada em Jesus Cristo. Esta vem descrita como o momento em que Deus escreverá sua *Lei* no próprio coração do povo, segundo a palavra dos profetas.<sup>46</sup> "Cristo, evangelho do Pai, inaugura, com a *Boa-Nova* do *Reino*, o anúncio profético da conversão de todos a Deus. Proclama a felicidade dos pobres e oprimidos, apresenta a 'moral das bem-aventuranças' e as respectivas exigências éticas. A Lei antiga é aperfeiçoada. Enfatiza as grandes atitudes éticas do amor a Deus e ao próximo, como fundamento e regra prática, diante de Deus e diante de todo ser humano que pode ser meu próximo. O 'Sermão da Montanha', em especial Mt 5,20-47, vai às raízes do agir verdadeiramente bom e justo. Tudo em Jesus é dinâmico. Sob o influxo da graça, podemos ir até além do que é eticamente bom, segundo Mt 19,12. A "*Lei*" nova, que vem do Espírito, inscrita 'não em tábuas de pedra, mas em corações de carne',<sup>47</sup> é o marco de uma liberdade que rima com solidariedade e serviço, amor fraterno, predileção pelos pobres, comunhão com Deus, serviço aos mais necessitados, respeito pela diversidade.<sup>48</sup> As indicações práticas desta ética tocavam e tocam tanto a comunidade eclesial, a família, e a vida conjugal quanto os deveres cívicos e políticos".<sup>49</sup>

---

<sup>41</sup> Cf. Jo 10,11-18.

<sup>42</sup> Lv 11,44; 19,22; etc.

<sup>43</sup> Mt 5,48.

<sup>44</sup> Ex 20,2-17; Dt 5,6-21.

<sup>45</sup> Capítulos 5 a 8 do Evangelho de São Mateus.

<sup>46</sup> Cf. Jr 31,31-34; Ez 36,22-32.

<sup>47</sup> 2Cor 3,3.

<sup>48</sup> Cf. Gl 5,13; 1Cor 9,19; At 2,6.

O Novo Testamento fala da *lei nova*, a de Cristo, como sendo o próprio Espírito Santo,<sup>50</sup> conduzindo interiormente o cristão.<sup>51</sup> São João Crisóstomo faz o seguinte comentário sobre este assunto: "Nossa vida deveria ser tão pura que não precisasse de escrito nenhum: a graça do Espírito Santo deveria substituir os livros. E, como estes estão escritos com tinta, assim os nossos corações deveriam ser escritos pelo Espírito Santo. Somente porque perdemos essa graça, devemos utilizar os escritos. Mas quanto melhor era o primeiro modo! (...) Aos discípulos, Jesus não deixou nada por escrito, mas prometeu-lhes a graça do Espírito Santo: 'Ele - disse - ensinar-vos-á todas as coisas' (...). A nossa vida, logo, deveria ser pura, de forma que sem ter necessidade dos escritos, os nossos corações ficassem sempre abertos à guia do Espírito Santo...".<sup>52</sup>

"Em outras palavras, o cristão que é dócil ao Espírito não precisa de lei 'externa'. Mas, em razão da sua fragilidade, para a grande maioria das pessoas, mesmo cristãs, as leis são um meio pedagógico necessário para formar sua consciência, orientar sua ação, aprender a discernir concretamente o bem. São um dom de Deus, oferecido, como gesto de amor, para capacitar a viver plenamente a vocação. Entre as leis, pode-se distinguir uma hierarquia: a primeira de todas as leis (fundada no amor a Deus) é a do amor universal, imparcial e concreto para com todas as pessoas humanas. Os mandamentos do decálogo (não matar, não cometer adultério, não furtar...) são expressões fundamentais desta mesma lei. A consciência das pessoas - tanto no Estado como na Igreja - será regulada também por outras leis, de caráter mais provisório, que devem ser reformadas com a evolução dos tempos, para que seja melhor expressos - em novos contextos - os valores fundamentais".<sup>53</sup>

No Antigo Testamento, o salmista canta a glória de Deus, Criador e legislador, com os seguintes versos: "A lei do Senhor é perfeita, reconforta a alma. O estatuto do Senhor é seguro, instrui o ignorante. Os preceitos do Senhor são retos, alegam o coração. O mandamento do Senhor é transparente, ilumina os olhos... Os decretos do Senhor são mais preciosos que o ouro, uma porção de ouro fino; mais saborosos que o mel".<sup>54</sup> Noutro salmo lemos: "Eis que venho... fazer a tua vontade, como tanto desejo, meu Deus, e ter a tua lei em minhas entranhas".<sup>55</sup> Ou ainda: "Ensinar-me-ás o caminho da vida; em tua presença há plenitude de alegria...".<sup>56</sup>

O Novo Testamento fala-nos diversas vezes da *lei*, numa seqüência de sentidos. Vejamos: "A lei foi nosso pedagogo até Cristo, a fim de que fôssemos justificados pela fé. Mas chegada a fé, já não dependemos de pedagogo".<sup>57</sup> Agora, "vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus".<sup>58</sup> Com clareza, São

---

<sup>49</sup> Nilo AGOSTINI, *op. cit.*, p. 559.

<sup>50</sup> Cf. Rm 8,2.

<sup>51</sup> Cf. Rm 15,13.19; Gl 5,6; 1Cor 2,10s; 3,16; Ef 1,17-18 etc.

<sup>52</sup> *In Mtth.*, *Hom. 1. n.1*, p. 57,13-15; cf. CNBB - XXXI Assembléia geral, "Ética: Pessoa e Sociedade", *SEDOC*, 239 (1993), n. 102.

<sup>53</sup> *Ibidem*, n. 103; sobre a *lei*, cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1950-1986.

<sup>54</sup> Sl 19,8-11; cf. Sl 119,12.

<sup>55</sup> Sl 40,8-9.

<sup>56</sup> Sl 16,11.

<sup>57</sup> Gl 3,24-25.

<sup>58</sup> 1Cor 3,23.

Paulo diz aos Filipenses: "Para mim a vida é Cristo".<sup>59</sup> Nele somos, nele nos movemos, nele existimos. "Pois, se vivemos, é para o Senhor que vivemos, e se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor",<sup>60</sup> co-herdeiros de Cristo,<sup>61</sup> filhos de Deus,<sup>62</sup> templos do Deus vivo.<sup>63</sup> "Nele tendes tudo plenamente".<sup>64</sup>

"Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo,... escrita não com tinta mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações. (...) Pois a letra mata e o espírito vivifica".<sup>65</sup>

### 2.3. A "vida nova"

"Sede, pois, imitadores de Deus".<sup>66</sup> "Andai como filhos da luz".<sup>67</sup> "Devereis abandonar vossa antiga conduta e vos despojar do homem velho, corrompido por concupiscências enganosas, para uma transformação espiritual de vossa mentalidade, e revestir-vos do homem novo, criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade".<sup>68</sup> Portanto, "sirvamos em espírito novo e não na letra velha".<sup>69</sup> E "aos que anunciam o Evangelho: que vivam do Evangelho".<sup>70</sup>

Estes textos apontam para uma vida nova. Ela é um dom e, ao mesmo tempo, constitui-se numa tarefa. Aqui ressoa forte a palavra de Jesus que diz, em Jo 10,10, "eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância", missão essa distinta da do ladrão que "não vem senão para roubar, matar e destruir". Vida e morte se cruzam sobre o mesmo chão. Somos aqui convidados a não despistar nossos olhos do império da morte, o império do 'ladrão', e 'arregaçar as mangas' para reabilitar a vida ferida de morte, reconstruir a fraternidade rompida, dar a vida para defender a vida, anunciar a fé no Deus da Vida. Trata-se de um testemunho e de um anúncio da vida nova, modo próprio de ser no seguimento de Jesus Cristo.

"A Igreja vive este anúncio de vida num contexto de morte, num mundo que se diz cristão mas que mata... A tarefa cristã consiste em ser testemunha e fermento de vida nova".<sup>71</sup> Não estamos aqui diante de uma tarefa fácil de ser realizada e vivida. Não raro, nos perguntamos: Como viver,

---

<sup>59</sup> Fl 1,21.

<sup>60</sup> Rm 14,8.

<sup>61</sup> Rm 8,17.

<sup>62</sup> Rm 8,16.

<sup>63</sup> 2Cor 6,16.

<sup>64</sup> Cl 2,10.

<sup>65</sup> 2Cor 3,3.6b.

<sup>66</sup> Ef 5,1.

<sup>67</sup> Ef 5,8.

<sup>68</sup> Ef 4,22-24; cf. 3,1-17.

<sup>69</sup> Rm 7,6b.

<sup>70</sup> 1Cor 9,14.

<sup>71</sup> Manuel DÍAZ MATEOS, *A vida nova: fé, esperança e caridade*, São Paulo, Ed. Vozes, 1993, p. 14.

testemunhar e anunciar a vida em meio a tanta morte? Onde está a graça e a salvação em meio a uma existência tão ameaçada e embrutecida?

Constatamos a presença da morte. Ela não é apenas fruto do acaso. Identificamos um sistema que organiza e estrutura as forças de morte. Por outro lado, a presença da vida, da vontade de viver e de sentidos do viver apontam esperançosamente para uma dimensão da vida que não é simples presa fácil da morte. Nisto tudo, a partir da fé, identificamos, por um lado, o pecado, raiz da morte, e, por outro lado, os sinais da graça, na defesa e resistência da vida. Assim, passamos a discernir, neste continente dito cristão, a presença do Deus da vida e a presença dos ídolos de morte. A leitura passa a ser, então, teológica, tem a ver com a fé, questiona nossas opções e nossos projetos, busca detectar os apelos de Deus em nossa história. Esta é, aliás, a condição para captar o desígnio de Deus, apresentar seu projeto de vida, avançar na sua realização. "Mais do que um tema, é uma vida e um compromisso que todos devemos assumir em gratidão ao Deus da vida".<sup>72</sup>

Para nós cristãos, no centro de nossa fé, está o triunfo da vida, com a ressurreição. Na oração da coleta, no dia da Páscoa, rezamos que Deus "abriu a seus fiéis as portas da vida". Em Cristo "a vida se manifestou",<sup>73</sup> "nele habita toda plenitude da divindade em forma corporal".<sup>74</sup> A vida é, desde Cristo, uma epifania de Deus. O caminhar da Igreja sente-se impulsionado para a vida plena. Não caminhamos sem esperança, nem sem rumo. Deus, em Cristo, deu-nos "a conhecer os caminhos da vida".<sup>75</sup> Passamos do transitório para o definitivo, do temporal para o eterno. "Nós sabemos que fomos transferidos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama, permanece na morte".<sup>76</sup>

Na Igreja nascente, na primeira comunidade eclesial, os cristãos, pelo seu viver e agir "davam testemunho da ressurreição com 'grande força'".<sup>77</sup> Eles eram um só coração e uma só alma, dividiam os bens, não havia entre eles indigentes, viviam unânimes na fé, frequentavam com assiduidade a doutrina dos apóstolos, as reuniões em comum, o partir o pão e as orações.<sup>78</sup> Muitos eram os sinais de vida e ressurreição, sobretudo na nova forma de viver a comunidade, sinal convincente da presença do Ressuscitado que tudo enche de vida, Ele que é o "Autor da vida".<sup>79</sup> Não estranhemos que "a cada dia o Senhor lhes ajuntava outros a caminho da Salvação".<sup>80</sup>

"A Igreja deve ser no mundo testemunha dessa presença ressuscitada e ressuscitadora que a acompanha. Também hoje deve dar testemunho 'com grande força', multiplicando-se no serviço à vida, tanto mais urgente quanto mais ameaçada está a vida e a cultura de morte parece se impor. Isso a levará

---

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 15.

<sup>73</sup> 1Jo 1,2.

<sup>74</sup> Cl 2,9.

<sup>75</sup> At 2,28.

<sup>76</sup> 1Jo 3,14.

<sup>77</sup> At 4,33.

<sup>78</sup> At 2,42-47; 3,32-37.

<sup>79</sup> At 3,15.

inequivocamente ao mundo do pobre e da pobreza, ao mundo da fome e da doença, da injustiça, da violência ou do materialismo consumista, pois tudo isso são ameaças à vida e formas de matar. O compromisso da Igreja com a vida plena e completa de seus irmãos, os homens, deverá arrastar todos a fazer sua opção do livro do Deuteronômio ("escolhe a vida e viverás": Dt 30,19) como caminho para a construção de uma fraternidade solidária e cheia de vida para todos".<sup>81</sup>

"Anseio pelo conhecimento de Cristo e o poder de sua ressurreição".<sup>82</sup> Ao dizer isso, São Paulo tinha ciência de que a perfeição da vida nova é, em cada um de nós, uma busca constante, ainda não realizada por completo. Não obstante, ele se lança intrepidamente rumo à perfeição. Assim se exprime ele na carta aos Filipenses: "Não pretendo dizer que já alcancei e cheguei à perfeição. Mas eu corro por alcançá-la uma vez que também eu fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, consciente de não tê-la ainda conquistado, só procuro uma coisa: esquecendo o que fica para trás, lanço-me em perseguição do que fica para frente, corro para a meta, para a coroa da vocação nas alturas de Deus em Cristo Jesus. E todos nós que nutrimos o ideal da perfeição, tenhamos estes sentimentos. E, se em alguma coisa tendes outro sentir, Deus vos há de esclarecer. Em todo caso, seja qual for o ponto já alcançado, o que importa é prosseguir no mesmo rumo".<sup>83</sup>

### 3. O vigor da prática

Vimos como as virtudes nos levam a contemplar a participação na força de Deus, enquanto habitados pelo Espírito, como testemunhas e fermento da vida nova. Elas nos levam igualmente a ressaltar a atuação dos seres humanos. Se da parte de Deus ressoa um chamado, da parte do ser humano vai se desenhando a necessidade de uma resposta, que se traduz pela sua *prática*. Essa resposta requer o empenho humano; é o que os tratados de moral identificam nas *virtudes morais*, também chamadas de virtudes humanas. Por um lado, a virtude nos lembra um dom de Deus; por outro lado, ela se transforma numa tarefa para o ser humano, que apela para o 'vigor de sua prática'.

#### 3.1. O ser virtuoso na história humana

A virtude atravessa a pessoa como um todo, qual filão que tudo enriquece. Porém, ela não fica restrita ao íntimo das pessoas. Não basta que cada um busque isoladamente o seu aprimoramento moral e sua salvação. "Pelo contrário, a virtude se manifesta no empenho de pessoas que, convocadas por Deus para viver no seu povo, exercem na história de seu tempo uma tarefa semelhante a de tantos personagens bíblicos. E é no exercício desta função que se aprimoram como pessoas humanas. Virtuosas são, pois, aquelas pessoas que abraçam decididamente a causa do Reino, participando

---

<sup>80</sup> At 2,47b.

<sup>81</sup> Manuel DÍAZ MATEOS, *op. cit.*, p. 250.

<sup>82</sup> Fl 3,10.

<sup>83</sup> Fl 3,12-16.

ativamente da mesma luta de libertação de todos os jugos que impedem que este Reino se torne realidade mais palpável".<sup>84</sup>

A virtude não rima com ensimesmamento, nem com isolamento. Se ela supõe, por um lado, uma comunhão com Deus, por outro lado, requer forçosamente uma comunhão/engajamento com os irmãos. "Ela pressupõe uma relação viva do ser humano com o Deus Salvador e com a história concreta da salvação, que se implanta na história da humanidade".<sup>85</sup> O cristão virtuoso não é, portanto, um mero espectador curioso e passivo do Reino de Deus no mundo.<sup>86</sup> Ele, com sua vida inteira, se insere no combate, qual militante animado pela presença de quem diz: "Coragem, eu venci o mundo".<sup>87</sup>

São Paulo usa a imagem do combate e da luta para falar do cristão que não foge dos desafios que encontra na história humana. Escreve aos Filipenses: "Desejo ouvir que estais firmes em um só espírito, lutando unânimes pela fé do Evangelho, sem vos deixar intimidar em nada por vossos adversários... Porque vos foi concedido não somente crer em Cristo mas também sofrer por Ele, sustentando o mesmo combate que vistes em mim e agora de mim ouvis".<sup>88</sup>

O cristão é um militante da vida e da salvação; ele é virtuoso na medida em que exprime sua fidelidade a Deus fazendo triunfar a vida, num combate que não é só individual, nem só espiritual e interior, mas que abarca o mundo e sua história, incorporando o transcendente e o escatológico. O vigor de sua prática contrapõe-se à injustiça e à morte e coloca-o "à disposição de Deus", fazendo do seu corpo "instrumento para a justiça ao serviço de Deus".<sup>89</sup> Vestir as "armas da luz",<sup>90</sup> "revestir-se de Cristo",<sup>91</sup> oferecer-se como "instrumento de justiça"<sup>92</sup> são alguns dos apelos de São Paulo para falar da proximidade da salvação e a vitória do Reino.

"Deixai que o Senhor vos fortaleça com sua poderosa força. Vesti as armas que Deus vos deu para resistir às insídias do diabo; porque nossa luta não é contra homens de carne e osso, mas a do céu contra os principados, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal".<sup>93</sup> Nós participamos do combate de Deus; as armas devem ser as de Deus. Nestas expressões de São Paulo, vemos descritas "as forças do mundo: a injustiça, a opressão, o ódio, o pecado e a morte que se objetivaram no cosmos pela ação do homem e pela tentação de satanás".<sup>94</sup> O cristão participa do combate com "a armadura de Deus", cinge-se com "o cinturão da verdade", reveste-se com "a couraça

---

<sup>84</sup> Antônio MOSER, *op. cit.*, p. 267.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 268.

<sup>86</sup> Cf. Manuel DÍAZ MATEOS, *op. cit.*, p. 102.

<sup>87</sup> Jo 16,33.

<sup>88</sup> Fl 1,27-30.

<sup>89</sup> Cf. Rm 6,13.

<sup>90</sup> Rm 13,12.

<sup>91</sup> Rm 13,14.

<sup>92</sup> Rm 6,13.

<sup>93</sup> Ef 6,10-12.

<sup>94</sup> M. LEGIDO LÓPEZ, *La fraternidad en el mundo*, Salamanca, Ed. Sígueme, p. 400; cf. Manuel DÍAZ MATEOS, *op. cit.*, p. 104.

da justiça", sempre pronto a "anunciar a boa-nova da paz", empunhando a todo tempo "o escudo da fé", tomando "o capacete da salvação" e empunhando "a espada do espírito, que é a palavra de Deus".<sup>95</sup>

Neste 'combate' no coração da humanidade, as *virtudes morais* constituem-se no sustentáculo de uma vida moralmente boa, com um domínio de si e uma alegria de viver. Adquiridas humanamente, pela educação e pela perseverança, elas "são os frutos e os germes de atos moralmente bons; dispõem todas as forças do ser humano para comungar do amor divino".<sup>96</sup> Funcionam como uma "dobradiça"; por isso, são chamadas "cardeais", pois as demais delas dependem ou em torno delas se agrupam. Muitas vezes mencionadas e louvadas na Sagrada Escritura, *a prudência, a justiça, a fortaleza e a temperança* formam este grupo das quatro virtudes morais ou cardeais.

A *prudência*, enquanto "virtude que dispõe a razão prática a discernir em qualquer circunstância nosso verdadeiro bem e a escolher os meios adequados a realizá-los",<sup>97</sup> torna-se a base de uma atitude crítica. Segundo Bernardino Leers, essa atitude crítica constitui-se, hoje, na nova face da virtude da prudência; ajuda na sua mais genuína explicitação. E explica: "Conforme a raiz original grega, (crítica = *krinein*) significa separar, como a mulher faz catando arroz na peneira; examinar para ver o que presta e não presta; distinguir o que é verdadeiro, digno, justo, honesto, malicioso na complexa realidade humana, sempre mistura de luzes e sombras; discernir entre o bem e o mal e, em função deste discernimento, decidir e agir; julgar o que tem acontecido e o que há de se fazer; formar opinião, tomar posição na situação, como se apresenta".<sup>98</sup>

A *justiça*, enquanto virtude moral, "consiste na vontade constante e firme de dar a Deus e ao próximo o que lhes é devido".<sup>99</sup> Ela exerce o papel típico das virtudes cardeais (de "dobradiça"), acima citado, assim explicitado na Sagrada Escritura: "Ama alguém a justiça? As virtudes são seus frutos; ela ensina a temperança e a prudência, a justiça e a fortaleza".<sup>100</sup> Cresce, em nossos dias, a consciência da necessidade da justiça, muito além das produções teóricas muito abundantes. Ela desemboca no agir humano; estabelece a ligação entre direitos e deveres, supondo uma ação responsável; aponta para a reciprocidade entre pessoas e classes sociais, superando toda forma de discriminação de sexo, cor, raça ou classe, pois a dignidade humana é comum a todos; exige solidariedade, especialmente para com os empobrecidos, marginalizados e excluídos, cujos direitos são mais lesados.

A *fortaleza*, por sua vez, "é a virtude que dá segurança nas dificuldades, firmeza e constância na procura do bem".<sup>101</sup> Ela se traduz pela coragem de viver; resiste às tentações; supera os obstáculos; vence o medo; suporta as provações e perseguições; chega a renunciar até à própria vida por uma causa

---

<sup>95</sup> Cf. Ef 6,13-17.

<sup>96</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1804.

<sup>97</sup> *Ibidem*, n. 1806.

<sup>98</sup> Cf. Antônio MOSER, Bernardino LEERS, *Teologia Moral: Impasses e alternativas*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1987, p. 212.

<sup>99</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1807.

<sup>100</sup> Sb 8,7.

<sup>101</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1808.

justa.<sup>102</sup> A fortaleza traduz a energia vital que permeia o agir humano, seja dos homens, seja das mulheres; ela tempera e canaliza a agressividade; não esmorece diante das dificuldades; esquece o passado; cura feridas; enterra traumas. "Na corrida da vida,... avança para o que está adiante, prossegue em direção ao alvo, realizando passo a passo a soberana vocação de Deus em Cristo Jesus e construindo seu reino melhor e mais transparente do que agora está no mundo, até que venha sua plenitude e, com isso, o prêmio final".<sup>103</sup>

A *temperança* constitui-se na "virtude moral que modera a atração pelos prazeres e procura o equilíbrio no uso dos bens criados. Assegura o domínio da vontade sobre os instintos e mantém os desejos dentro dos limites da honestidade".<sup>104</sup> Não se trata aqui de uma supressão de desejos e prazeres e de um freio da espontaneidade. Trata-se, antes, da busca do justo equilíbrio que evita os excessos, qual uma cozinheira que tempera a comida para dar-lhe 'aquele' gosto que desperta nosso paladar. A temperança lembra, assim, o gosto da vida e a alegria de viver. Faz da energia vital que carregamos a possibilidade de um equilíbrio vital, sem os nauseantes destemperos dos contrastes gritantes que tendem a nos sufocar. Nós somos quais cavaleiros que montados nos desejos, impulsos e propensões fazemos uso do cabresto, do freio e das rédeas; neles sentados/montados, os mantemos sob nosso domínio, dando-lhes rumo para assim poder viajar longe sem tropeço ou queda.<sup>105</sup> Cabe-nos "viver com autodomínio, justiça e piedade neste mundo".<sup>106</sup>

### 3.2. O crer e o amar das virtudes teologais

Vimos como as virtudes morais são a força do ser humano mergulhado na história deste mundo. Elas, porém, por si sós, não atingem ainda o âmago do ser cristão. Identificamos a essência do ser cristão nas *virtudes teologais*, ou seja, *a fé, a esperança e a caridade*. Elas são "as armas com as quais o cristão trava o combate pela verdade, pela justiça e pela paz de Deus na história".<sup>107</sup> Elas compõem a armadura do cristão. São Paulo explicita isso ao dizer: "Sejamos sóbrios, revestidos da couraça da fé e da caridade e do capacete da esperança na salvação".<sup>108</sup>

Estamos tocando o que constitui a síntese do ser cristão e o que define a comunidade cristã. No Novo Testamento, isso vem claramente caracterizado como sendo "as obras da fé, os sacrifícios da caridade e a firmeza da esperança".<sup>109</sup> Esta tríade marca a originalidade cristã, pois elas "fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão; informam e vivificam todas as virtudes

---

<sup>102</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>103</sup> Antônio MOSER, Bernardino LEERS, *op. cit.*, p. 216; cf. Fl 3,12-15.

<sup>104</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1809; cf. Eclo 5,2; 18,30.

<sup>105</sup> Cf. Antônio MOSER, Bernardino LEERS, *op. cit.*, p. 217-218.

<sup>106</sup> Tt 2,12.

<sup>107</sup> Cf. Manuel DÍAZ MATEOS, *op. cit.*, p. 104.

<sup>108</sup> 1Ts 5,8.

<sup>109</sup> Cf. 1Ts 1,3.

morais".<sup>110</sup> Desde a síntese aristotélico-tomista, espinha dorsal da Escolástica, na Idade Média, as *virtudes teologais* exprimem aqueles "'hábitos' ou atitudes infundidas por Deus e que têm a Deus como objeto".<sup>111</sup>

Esta tríade não se reduz a atos virtuosos apenas, numa coisificação que pode reduzi-la a um simples cumprimento de atos. Antes, ela aponta para a dimensão unitária da vida cristã, representada pelas três virtudes, numa expressão dinâmica do *ser cristão*. O que não brota do *ser* facilmente cai no legalismo ou moralismo. Não basta *fazer* sem antes *ser*. "O fazer não é outra coisa que o ser-em-ação".<sup>112</sup> Tal ser qual fazer! Não podemos separar o ser humano em compartimentos estanques. O ser orientado para Deus traduz-se em atitudes fundamentais correspondentes. As virtudes teologais apontam para este nosso enraizamento em Deus, do qual jorram os frutos correspondentes da graça (do Espírito) que, no dizer de São Paulo, são: "a caridade, a alegria, a paz, a afabilidade, a bondade, a fidelidade, a doçura, a temperança".<sup>113</sup>

Uma vez radicados em Deus, temos na origem uma realidade só, também chamada de *graça habitual*, que se ramifica em várias virtudes, dons e frutos, porém numa unidade da alma; as faculdades da alma nós as distinguimos apenas *formalmente*, não *realmente*.<sup>114</sup> Se nosso projeto fundamental está enraizado em Deus, as virtudes são ulteriores desenvolvimentos deste projeto. "Assim como um raio de luz, atravessando o cristal, se decompõe todo numa escala de cores, da mesma forma a simplicidade de nossa opção fundamental, quando, movida pela graça divina, se expressa na complexidade da existência humana, assume necessariamente muitas formas".<sup>115</sup>

Portanto, não há virtudes que sejam mera aquisição humana, porque Deus perpassa todo esforço humano. Existe aí uma dimensão ontológica a ser desvelada e que aponta para a *graça* na qual o homem vive permanentemente mergulhado. Poderíamos, então, dizer: "As virtudes são humanas e adquiridas porque nascem do empenho do homem de concretizar seu projeto fundamental para Deus, mas são também divinas e infusas, porquanto é Deus a força (virtus) que no homem tudo deslança, encaminha, sustenta e plenifica".<sup>116</sup> Em tudo o que somos e fazemos existe uma profunda unidade, impregnada de Deus, que é aqui tematizada pelas virtudes teologais; elas nos lembram o que funda o nosso ser, bem como apontam para o nosso vir-a-ser, ou seja, o que devemos ser.

A virtude da *fé* traduz a entrega confiada em Deus e sua acolhida amorosa. Abre-se à "Luz na qual vemos a luz", como "fonte da vida".<sup>117</sup> Identifica em Jesus Cristo aquele que "nos amou e se

---

<sup>110</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1813.

<sup>111</sup> Cf. Manuel DÍAZ MATEOS, *op. cit.*, p. 105.

<sup>112</sup> Leonardo BOFF, *A graça libertadora no mundo*, 2a. edição, Petrópolis, Ed. Vozes, 1977, p. 196.

<sup>113</sup> Cf. Gl 5,22-23.

<sup>114</sup> Cf. SÃO BOAVENTURA, *Breviloquium*, pars 5, c. 4-6.

<sup>115</sup> Afirmação de P. FRANSEN, citada por Leonardo BOFF, *op. cit.*, p.195.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 196-197.

<sup>117</sup> Sl 36,10.

entregou" por nós;<sup>118</sup> o Deus que se faz autodoação, despertando em nós a resposta de amor, já "derramado em nossos corações pelo Espírito Santo".<sup>119</sup> Pai, Filho e Espírito Santo são fonte e objeto da "fé que opera pela *caridade*".<sup>120</sup> O *crer* e o *amar* se entrelaçam, se intercambiam. A entrega de si a Deus transborda numa prática, num comportamento solidário, capaz de criar comunhão entre nós e transformar o mundo. Rompe com os absolutismos; destrói os ídolos; arrasa toda prepotência que queira substituir o único Senhor que é Deus.

A fé e o amor fortificam a *esperança*. Tornam-nos capazes de esperar 'contra toda esperança', de não temer nem a própria morte, pois a certeza do amor de Deus em Cristo leva-nos à certeza de que "em tudo vencemos graças àquele que nos amou".<sup>121</sup> Impede que fiquemos de braços cruzados ante o "já" conquistado; abre-nos esperançosos para o futuro, o "ainda não" da salvação. Fé, esperança e amor (ou caridade) transformam-se assim em dinamismo gerador de vida, num mundo marcado pela morte e o pecado. "São três aspectos inseparáveis da resposta do homem a Deus que expressam o dinamismo de sua existência a caminho para a vida plena, para o próprio Deus".<sup>122</sup> Formam um ternário, com três direções e concreções diferentes, mas com um único princípio. No Novo Testamento, temos o testemunho claro das primeiras comunidades cristãs, para as quais a fé, a esperança e o amor/caridade formam um nó indiviso. A tradição teológica da Igreja soube também articulá-los em chave histórico-salvífica.

### 3.3. O "sopro" que convoca, transforma e liberta

"Sede imitadores de Deus, como filhos amados. Progredi na caridade segundo o exemplo de Cristo".<sup>123</sup> "Sede cumpridores da palavra e não meros ouvintes".<sup>124</sup> "Que Cristo habite pela fé em vossos corações, arraigados e consolidados no amor... para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus".<sup>125</sup> "A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum".<sup>126</sup> "O amor de Deus se derramou em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado".<sup>127</sup> "Quem semear no Espírito, do Espírito recolherá a vida eterna".<sup>128</sup>

Esses textos são iluminadores para todo cristão que queira viver na *força* de Deus e *habitado* pelo Espírito. Este *sopro* - o Espírito - "é um dinamismo dado à Igreja para orientá-la na história. Assim como a vida, a história é sempre nova e nada se repete tal qual. Igualmente, num mundo em mutação,

---

<sup>118</sup> Gl 2,20.

<sup>119</sup> Rm 5,5.

<sup>120</sup> Gl 5,6.

<sup>121</sup> Rm 8,38.

<sup>122</sup> Manuel DÍAZ MATEOS, *op. cit.*, p.107.

<sup>123</sup> Ef. 5,1.

<sup>124</sup> Tg 1,22.

<sup>125</sup> Ef 3,17-19.

<sup>126</sup> 1Cor 12,7.

<sup>127</sup> Rm 5,5.

<sup>128</sup> Gl 6,8b.

uma comunidade destinada a atravessar a história tem necessidade, sob pena de perder o sentido, de uma força que a empurre a re-exprimir constantemente de maneira sempre nova as intuições dos seus primórdios".<sup>129</sup> Compreendemos, então, São Paulo que diz: "Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo e ficai com o que é bom. Abstende-vos de toda espécie de mal".<sup>130</sup>

Esse *sopro* chama, convoca, transforma, converte. São Paulo fica tocado e maravilhado ao ver como a fé é suscitada, a vida transformada, numa reviravolta que ele atribui a Deus, que executa suas decisões pelo "sopro" do Espírito.<sup>131</sup> São homens e mulheres que, convencidos do amor de Deus que santifica e liberta, engajam-se numa exigente vida de comunidade para seguir e servir Jesus Cristo. Nada pode explicar isso, a não a ação do Espírito de Deus.<sup>132</sup> Portanto, nada de mágico nesta experiência.

O *ser virtuoso*, que define o *ser cristão*, vem identificado como viver segundo o Espírito, conduzido por Ele, ao seu serviço.<sup>133</sup> É Deus agindo na história. É Cristo acompanhando a comunidade. Os cristãos sentem-se, assim, impulsionados a viver como Jesus e ir na direção que o Espírito indicar, sem ser prisioneiros de sistemas totalitários ou de pensamento nos quais o próprio Espírito fica manietado por uma ordem subjugadora do humano e do próprio Deus. Para isso, é necessário ter uma atitude de 'escuta auscultadora' do dinamismo do *Espírito em ação* na experiência da vida quotidiana; deixar-se surpreender pela *sopro*, respeitando a ação de Deus e a presença do Cristo, sem a pretensão de controlá-los ou reduzi-los ao meu bem-querer ou a meus 'esquemas'...; basta lembrar o que São Paulo fala do império da "lei" e da "carne". As comunidades cristãs têm aí uma importância axial enquanto organismos vivos, sob a dinâmica do Espírito, a serem acolhidas enquanto dom, expressão concreta da catolicidade.

Não há como ficar de 'braços cruzados' ante a ação do Espírito. Toda forma de *idolatria* é diretamente combatida, pois absolutiza o que é relativo, sacraliza o que é 'do mundo', deifica o que é humano. Toda forma de *menosprezo* do outro vem identificada em sua violência, mentira e pecado. Toda forma de *escravização* de si, na anarquia das pulsões ou na obsessão da lei e da regra, vem desmascarada enquanto incapacidade de amar verdadeiramente, sinal de uma vida estéril. Por isso, o sinal da fecundidade de uma *vida virtuosa* é sempre o *amor*. São Paulo chega a afirmar que "toda lei se encerra numa só palavra: Amarás teu próximo como a ti mesmo".<sup>134</sup> Esse amor ao próximo incorpora em sua raiz o amor a Deus, pois o "princípio formal" é um só;<sup>135</sup> este "nutre e desenvolve todas as virtudes, superando todo obstáculo".<sup>136</sup>

---

<sup>129</sup> André MYRE, *Un souffle subversif - L'Esprit dans les lettres pauliennes*, Montréal/Paris, Les Éditions Bellarmin/Les Éditions du Cerf, 1987, p.13.

<sup>130</sup> 1Ts 5,19-22.

<sup>131</sup> Cf. 1Cor 2,9-12.

<sup>132</sup> Cf. 1Ts 1,4; 4,7; 2Ts 2,13-14; 1Cor 2,9-13; 2Cor 1,22; 3,1-18; 4,13-14; 11,14; Gl 3,1-5; Rm 5,5.

<sup>133</sup> Cf. Gl 5,16-18,25; Rm 7,6; 8,3-8,14.

<sup>134</sup> Gl 5,14.

<sup>135</sup> S. TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologica*, q. 25, a. 1; S. AGOSTINHO, *Expositio Epistulae ad Galatas*, s. 45.

<sup>136</sup> Ramón GARCIA DE HARO, *L'agire moral & le virtù*, Milano, Edizioni Ares, 1988, p. 146.

A esta altura de nossa reflexão, sentimos soar com toda a força as palavras de São João: "Se alguém disser: 'Amo a Deus' mas odiar o irmão, é mentiroso. Pois quem não ama o irmão a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê".<sup>137</sup> Ou ainda: "Quem possuir bens deste mundo e vir o irmão passando necessidade mas lhe fechar o coração, como pode estar nele o amor de Deus?"<sup>138</sup> São Tiago afirma de maneira categórica: "A fé, se não tiver obras, será morta",<sup>139</sup> para arrematar dizendo: "Com, efeito, a religião pura e sem mancha diante de Deus Pai é esta: assistir os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo".<sup>140</sup>

## Conclusão

O nexos existente entre o *crer* e o *agir*, traduzindo a relação entre *fé* e *ética*, fez com que o movimento de reforma (bíblica, litúrgica, moral...), antes mesmo do Concílio Vaticano II, chegasse a precisar melhor seu princípio fundamental que tudo une e ordena. Para a Teologia Moral, isso significava a exigência de uma "estruturação orgânica centrada na revelação em Cristo, uma indicação mais clara da base ôntico-sacramental no sujeito moral e, do ponto de vista teológico, uma aproximação mais explícita e que melhor correspondesse à crítica textual das fontes positivas".<sup>141</sup> A *sequela Christi* (seguimento de Jesus Cristo) tornou-se logo um destes princípios fundamentais capaz de estabelecer o vínculo de todos os atos do ser humano, bem como o vínculo da história humana e a redenção em Cristo. É à luz de Cristo que perscrutamos o sentido e a ordem de toda a criação, a dignidade e a essência concreta do ser humano. "E quando essa dignidade e essência são garantidas e realizadas pelo indivíduo humano mediante um agir livre moral, efetua-se um trecho da redenção na graça de Cristo".<sup>142</sup>

Todo esse esforço de renovação da Teologia Moral repercutiu favoravelmente sobre o tratado das *virtudes*, para o qual o evento-Cristo assume uma importância axial para a vida de fé e a reflexão ética que a acompanha. Fala-se, então, de uma moral mais cristocêntrica, vinculando a obra de redenção divina e o agir do homem. Esta vinculação foi muito bem expressa por Dietrich Bonhoeffer ao falar do mandamento de Deus, enquanto Ele "reivindica o homem totalmente e concretamente em Jesus Cristo".<sup>143</sup> Entendemos, então, a afirmação: "O mandamento de Deus não pode ser compreendido fora de um tempo e de um lugar; ele só pode ser ouvido localmente e historicamente. Se ele não for de todo preciso, claro e concreto, não se trata de mandamento de Deus".<sup>144</sup>

---

<sup>137</sup> 1Jo 4,20.

<sup>138</sup> 1Jo 3,17.

<sup>139</sup> Tg 2,17.

<sup>140</sup> Tg 1,27.

<sup>141</sup> Franz BÖCKLE, *Crer e Agir*, em Johannes FEINER, Magnus LOEHRER (Ed.), *Do tempo para a eternidade*. col. "Mysterium Salutis", vol. V/1: *Moral Evangélica*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1983, p.11.

<sup>142</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>143</sup> Dietrich BONHOEFFER, *Éthique*, Genève, Éd. Labor et Fides, 1969, p. 228.

<sup>144</sup> *Ibidem*.

Com isso, fica claro o contexto no qual situamos as próprias virtudes, espinha dorsal de nossa presente reflexão. Não existe, portanto, a virtude fora desta vinculação natural/sobrenatural. Além disso, faz-se necessário superar duas tendências ao falar das virtudes: aquela que cai na moralização, baseando-se exclusivamente nos atos isolados, como "realização" independente da existência vital e integral do ser humano; e a supernaturalista, incapaz de estabelecer a conexão com o âmbito da vida e da história, integrando desde a mais pequena realização no todo de uma existência subsumida na transcendência. Assim, divisamos melhor a virtude enquanto elevação do *ser* na pessoa humana, o *ultimum potentiae*, o máximo a que uma pessoa pode aspirar, ou seja, "a realização das possibilidades humanas no aspecto natural e sobrenatural".<sup>145</sup>

Depois de tudo o que vimos e refletimos, proponho concluir com o belo texto do *Elogio das Virtudes*, escrito por São Francisco de Assis, onde lemos:

"Salve, rainha sabedoria, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a pura simplicidade!

Senhora santa pobreza, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a humildade!

Senhora santa caridade, o Senhor te guarde por tua santa irmã, a obediência!

Santíssimas virtudes todas, guarde-vos o Senhor, de quem procedeis e vindes a nós!

Não existe no mundo inteiro homem algum em condições de possuir uma de vós, sem que ele morra primeiro. Quem possuir uma de vós e não ofender as demais, a todas possui; e quem a uma ofender, nenhuma possui e a todas ofende. E cada uma por si destrói os vícios e pecados.

A santa sabedoria confunde a Satanás e todas as suas astúcias.

A pura e santa simplicidade confunde toda a sabedoria deste mundo e a prudência da carne.

A santa pobreza confunde toda a cobiça e avareza e solitudes deste século.

A santa humildade confunde o orgulho e todos os homens deste mundo e tudo quanto há no mundo.

A santa caridade confunde todas as tentações do demônio e da carne e todos os temores carnis.

A santa obediência confunde todos os desejos sensuais e carnis e mantém o corpo mortificado para obedecer ao espírito e obedecer a seu irmão, e torna o homem submisso a todos os homens deste mundo, e nem só aos homens, senão também a todas as feras e animais irracionais, para que dele possam dispor a seu talante, até o ponto que lho for permitido do alto pelo Senhor (cf. Jo 19,11)".<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> Josef PIEPER, *Las virtudes fundamentales*, Madrid, Ed. Rialf, 1976, p. 15.

<sup>146</sup> Cf. *Escritos de São Francisco*, 5a. edição, Petrópolis, Ed. Vozes/CEFEPAL, 1988, p. 166s.